



**JORGE LUIS  
BORGES**

**o outro,  
o mesmo**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# JORGE LUIS BORGES

1899-1986

o outro,  
o mesmo  
1964



Tradução de Leonor Scliar-Cabral

## **JORGE LUIS BORGES—OBRAS COMPLETAS**

VOLUME II

1952-1972

Título do original em espanhol: Jorge Luis Borges - Obras Completas Copyright © 1998 by Maria Kodama Copyright © 1999 das traduções by Editora Globo S.A.

1ª Reimpressão-9/99 2ª Reimpressão-12/00

Edição baseada em Jorge Luis Borges - Obras Completas, publicada por Emecé Editores S.A., 1989, Barcelona - Espanha.

Coordenação editorial: Carlos V. Frias

Coordenação editorial da edição brasileira: Eliana Sá

Assessoria editorial: Jorge Schwartz

Revisão das traduções: Jorge Schwartz e Maria Carolina de Araujo

Preparação de originais: Maria Carolina de Araujo

Revisão de textos: Márcia Menin

Projeto gráfico: Alves e Miranda Editorial Ltda.

Fotolitos: AM Produções Gráficas Ltda.

*Agradecimentos a Adria Frizzi, Ana Giménez, Christopher E Laferl, Edgardo Krebs, Élide Lois, Eliot Weinberger, Enrique Fierro, Francisco Achcar, Haroldo de Campos, Ida Vitale, José Antônio Arantes e Maite Celada* Direitos mundiais em língua portuguesa, para o Brasil, cedidos à EDITORA GLOBO S.A.

Avenida Jaguaré, 1485

CEP 05346-902 - Tel.: 3767-7000, São Paulo, SP

e-mail: atendimento@edglobo.com.br

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo CIP-Brasil.

Catlogação-na-fonte - Câmara Brasileira do Livro, SP

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2 / Jorge Luis Borges. - São Paulo : Globo, 2000.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges. Vários tradutores.

v. 1. 1923-1949 / v. 2.1952-1972 ISBN 85-250-2877-0 (v. 1)  
ISBN 85-250-2878-9 (v. 2) 1. Ficção argentina 1. Título.

CDD-ar863.4

Índices para catálogo sistemático 1. Ficção : Século 20 :  
Literatura argentina ar863.4

1. Século 20 : Ficção : Literatura argentina ar863.4

**O OUTRO, O MESMO**

*El Otro, El Mismo*

**Tradução de Leonor Scliar-Cabral**

# Índice

Prólogo

Insônia

Two english poems

A noite cíclica

Do inferno e do céu

Poema conjectural

Poema do quarto elemento

A um poeta menor da antologia

Página para recordar o coronel Suárez, vencedor em Junín

Mateus 25,30

Uma bússola

Uma chave em Salônica

Um poeta do século XIII

Um soldado de Urbina

Limites

Baltasar Gracián

Um saxão (449 a.D.)

O Golem

O tango

O outro

Uma rosa e Milton

Leitores

João 1,14

O despertar

A quem já não é jovem

Alexander Selkirk

Odisseia, livro vigésimo terceiro

Ele

Sarmiento

A um poeta menor de 1899

Texas

Composição escrita em um exemplar da Gesta de Beowulf

Hengist cyning

Fragmento

A uma espada em York Minster

A um poeta saxão

Snorri Sturluson (1179-1241)

A Carlos XII

Emanuel Swedenborg

Jonathan Edwards (1703-1785)

Emerson

Edgar Allan Poe

Camden, 1892

Paris, 1856

Rafael Cansinos-Asséns

Os enigmas

O instante

Ao vinho

Soneto do vinho

1964

A fome

O forasteiro

A quem me está lendo

O alquimista

Alguém

Everness

Ewigkeit

Édipo e o enigma

Spinoza

Espanha

Elegia

Adam Cast Forth

A uma moeda

Outro poema dos dons

Ode escrita em 1966

O sono  
Junín  
Um soldado de Lee (1862)  
O mar  
Manhã de 1649  
A um poeta saxão  
Buenos Aires  
Buenos Aires  
Ao filho  
Os compadritos mortos



# Prólogo

*Dentre os muitos livros de versos que minha resignação, meu descuido e às vezes minha paixão foram rabiscando, O Outro, O Mesmo é o que prefiro. Aí estão o "Outro poema dos dons", o "Poema conjectural", "Uma rosa e Milton" e "Junín", que, se a parcialidade não me engana, não me desonram. Aí estão também meus hábitos: Buenos Aires, o culto aos ancestrais, a germanística, a contradição do tempo que passa e da identidade que perdura, meu estupor de que o tempo, nossa substância, possa ser compartilhado.*

*Este livro não é outra coisa senão uma compilação. Os poemas foram sendo escritos para diversos moods e momentos, não para justificar um volume. Disso decorrem as previsíveis monotonias, a repetição de palavras e talvez de linhas inteiras. Em seu cenáculo da rua Victoria, o escritor — chamemo-lo assim — Alberto Hidalgo assinalou meu costume de escrever a mesma página duas vezes com variações mínimas. Lamento ter-lhe respondido que ele não era menos binário, com a ressalva, porém, de que, em seu caso particular, a primeira versão era de outro. Tais eram as deploráveis maneiras daquela época, que muitos olham com nostalgia. Todos queríamos ser heróis de episódios triviais.*

*A observação de Hidalgo era justa: "Alexander Selkirk" não difere notoriamente de "Odisseia, livro vigésimo terceiro", "O punhal" prefigura a milonga que intitulei "Uma faca no Norte" e talvez a narrativa "O encontro". O estranho, o que jamais entenderei, é que minhas segundas versões, como ecos apagados e involuntários, costumam ser inferiores às primeiras. Em Lubbock, na fronteira do deserto, uma moça alta me perguntou se, ao escrever "O Golem", eu não havia intentado uma variação de "As ruínas circulares"; respondi-lhe que tivera de atravessar todo o continente para receber essa revelação, que era verdadeira. Ambas as composições, além disso, têm suas diferenças; o sonhador sonhado está em uma, a*

*relação da divindade com o homem e talvez a do poeta com a obra, na que depois redigi.*

*As línguas dos homens são tradições que carregam algo de fatal. Os experimentos individuais são, de fato, mínimos, salvo quando o inovador se resigna a lavrar um espécime de museu, um jogo destinado à discussão dos historiadores da literatura ou ao mero escândalo, como o Finnegans Wake ou as Soledades. Atraiu-me às vezes a tentação de traduzir para o espanhol a música do inglês ou do alemão; se tivesse executado essa aventura quase impossível, eu seria um grande poeta, como aquele Garcilaso que nos deu a música da Itália, ou como aquele anônimo sevilhano que nos deu a de Roma, ou como Darío, que nos deu a da França. Não passei de um rascunho urdido com palavras de poucas sílabas, que sensatamente destruí.*

*É curiosa a sorte do escritor. No início é barroco, vaidosamente barroco, e depois de alguns anos pode conseguir, se os astros forem favoráveis, não a simplicidade, que não é nada, mas a modesta e secreta complexidade.*

*Menos que as escolas, educou-me uma biblioteca — a de meu pai —; apesar das vicissitudes do tempo e das geografias, creio não ter lido em vão aqueles queridos volumes. No "Poema conjectural", verificar-se-á a influência dos monólogos dramáticos de Robert Browning; em outros, a de Lugones e, assim o espero, a de Whitman. Ao rever estas páginas, senti-me mais próximo do simbolismo que das seitas ulteriores que sua corrupção engendrou e que agora o negam.*

*Pater escreveu que todas as artes propendem à condição da música, talvez porque nela o fundo é a forma, já que uma melodia não pode referenciar como o podem as linhas gerais de um conto. A poesia, admitido esse ditame, seria uma arte híbrida: a sujeição de um sistema abstrato de símbolos, a linguagem, a fins musicais. Os dicionários têm a culpa desse conceito errôneo. Costuma-se esquecer que são repertórios artificiosos, muito posteriores às línguas que ordenam. A raiz da linguagem é irracional e de caráter mágico. O dinamarquês que articulava o nome de Thor e o saxão que articulava o nome de Thunor não sabiam se essas palavras*

*significavam o deus do trovão ou o estrépito que sucede ao relâmpago. A poesia quer voltar a essa antiga magia. Sem leis prefixadas, opera de modo vacilante e ousado, como se caminhasse na escuridão. Xadrez misterioso a poesia, cujo tabuleiro e cujas peças mudam como em um sonho e sobre o qual me inclinarei depois de morto.*

*J. L. B.*

# Insônia

De ferro,  
de encurvadas vigas de enorme ferro tem de ser a noite,  
para que não a rebentem e a desenraízem  
as muitas coisas que meus abarrotados olhos viram,  
as duras coisas que insuportavelmente a povoam.

Meu corpo fatigou os níveis, as temperaturas, as luzes:  
em vagões de extensos trilhos,  
em um banquete de homens que se detestam,  
no fio rompido dos subúrbios,  
em uma quinta quente de estátuas úmidas,  
na noite repleta onde abundam o cavalo e o homem.

O universo desta noite contém a vastidão  
do esquecimento e a precisão da febre.

Quero em vão distrair-me do corpo  
e do desvelar de um espelho incessante  
que o prodigalize e que o espreite  
e da casa que repete seus pátios  
e do mundo que segue até um despedaçado subúrbio  
de becos onde o vento se cansa e de barro torpe.

Em vão espero  
as desintegrações e os símbolos que precedem o sonho.

Segue a história universal:  
os rumos minuciosos da morte nas cáries dentárias,  
a circulação de meu sangue e dos planetas.

(Odiei a água crapulosa de um charco,  
detestei, ao entardecer, o canto do pássaro.)

As fatigadas léguas incessantes do subúrbio do Sul,  
léguas de pampa lixeira e obscena, léguas de execração  
não querem abandonar a memória.

Lotes pantanosos, ranchos amontoados como cães, charcos de  
prata fétida:

sou a detestável sentinela dessas colocações imóveis.  
Arame, terraplenos, papéis mortos, sobras de Buenos Aires.

Creio esta noite na terrível imortalidade:  
nenhum homem morreu no tempo, nem mulher, nenhum morto,  
porque esta inevitável realidade de ferro e de barro  
tem de atravessar a indiferença de quantos estejam adormecidos  
ou mortos

— ainda que se ocultem na corrupção e nos séculos —  
e condená-los à vigília espantosa.

Toscas nuvens cor de borra de vinho infamarão o céu;  
há de amanhecer em minhas pálpebras apertadas.

*Adrogué, 1936.*

# ***Two english poems1***

*To Beatriz Bibiloni Webster de Bullrich*

## **I**

The useless dawn finds me in a deserted streetcorner; I have outlived the night.

Nights are proud waves: darkblue topheavy waves laden with all hues of deep spoil, laden with things unlikely and desirable.

Nights have a habit of mysterious gifts and refusals, of things half given away, half withheld, of joys with a dark hemisphere. Nights act that way, I tell you.

The surge, that night, left me the customary shreds and odd ends: some hated friends to chat with, music for dreams, and the smoking of bitter ashes. The things my hungry heart has no use for.

The big wave brought you.

Words, any words, your laughter; and you so lazily and incessantly beautiful. We talked and you have forgotten the words.

The shattering dawn finds me in a deserted street of my city.

Your profile turned away, the sounds that go to make your name, the lilt of your laughter: these are illustrious toys you have left me.

I turn them over in the dawn, I lose them, I find them; I tell them to the few stray dogs and to the few stray stars of the dawn.

Your dark rich life...

I must get at you, somehow: I put away those illustrious toys you have left me, I want your hidden look, your real smile — that lonely, mocking smile your cool mirror knows.

## **II**

What can I hold you with?

I offer you lean streets, desperate sunsets, the moon of the ragged suburbs.

I offer you the bitterness of a man who has looked long and long at the lonely moon.

I offer you my ancestors, my dead men, the ghosts that living men have honoured in marble: my father's father killed in the frontier of Buenos Aires, two bullets through his lungs, bearded and dead, wrapped by his soldiers in the hide of a cow; my mother's grandfather — just twentyfour — heading a charge of three hundred men in Peru, now ghosts on vanished horses.

I offer you whatever insight my books may hold, whatever manliness or humour my life.

I offer you the loyalty of a man who has never been loyal.

I offer you that kernel of myself that I have saved, somehow — the central heart that deals not in words, traffics not with dreams and is untouched by time, by joy, by adversities.

I offer you the memory of a yellow rose seen at sunset, years before you were born.

I offer you explanations of yourself, theories about yourself, authentic and surprising news of yourself.

I can give you my loneliness, my darkness, the hunger of my heart; I am trying to bribe you with uncertainty, with danger, with defeat.

1934

---

*1 Dois poemas ingleses*

*A Beatriz Bibiloni Webster de Bullrich*

**I**

*A inútil alvorada me encontra em uma esquina deserta;  
sobrevivi à noite. As noites são ondas orgulhosas: ondas de  
pesada crista azul-escura cheias de tons de espólios fundos,*

*cheias de coisas improváveis e desejáveis. As noites têm o hábito de misteriosas dádivas e recusas, de coisas meio dadas, meio retidas, de alegrias com escuro hemisfério. As noites procedem assim, creia-me. A vaga, nessa noite, deixou-me os pedaços e as sobras avulsas de costume: uns amigos odiados para bater papo, música para sonhos e o fumegar de cinzas amargas. Coisas sem uso para meu coração faminto. A grande onda trouxe você. Palavras, quaisquer palavras, seu riso; e você, de uma tão preguiçosa e incessante beleza. Conversamos e se esqueceu das palavras. Os estilhaços da alvorada me encontram em uma rua deserta de minha cidade. Seu perfil que se desvia, os sons que compõem seu nome, a cadência de seu riso: ilustres brinquedos que você me deixou. Revolvo-os na alvorada, perco-os, encontro-os; revelo-os aos poucos cães erradios e às poucas estrelas erradias da alvorada. Sua preciosa vida obscura... Tenho de alcançá-la, de algum modo: guardo esses ilustres brinquedos que você me deixou, quero seu olhar oculto, seu sorriso real — esse sorriso solitário e zombeteiro que seu frio espelho conhece.*

## **II**

*Com que posso detê-la? Ofereço-lhe ruas decaídas, ocasos desesperados, a lua dos subúrbios maltrapilhos. Ofereço-lhe o amargor de um homem que por longo e longo tempo contemplou a lua solitária. Ofereço-lhe meus ancestrais, meus mortos, os espectros que os vivos honraram em mármore: o pai de meu pai morto na fronteira de Buenos Aires, duas balas nos pulmões, barbudo e morto, envolto por soldados em uma pele de vaca; o avô de minha mãe — apenas vinte e quatro anos — a comandar um ataque de trezentos homens no Peru, hoje espectros sobre cavalos extintos. Ofereço-lhe qualquer intuição que meus livros tenham, qualquer hombridade ou humor de minha vida. / Ofereço-lhe a lealdade de um homem que jamais foi leal. / Ofereço-lhe esse meu cerne que de algum modo preservei — o coração central que não lida com palavras, não comercia com sonhos e não foi tocado pelo tempo, pela alegria,*



*pelas adversidades. Ofereço-lhe a lembrança de uma rosa amarela vista no ocaso, anos antes de você nascer. Ofereço-lhe explicações de si mesma, teorias de si mesma, novidades autênticas e surpreendentes acerca de si mesma. / Posso lhe dar minha solidão, minha treva, a fome de meu coração; estou tentando aliciá-la com incerteza, com perigo, com derrota.*  
*(Tradução de José Antônio Arantes.)*

# A noite cíclica

*A Sylvina Bullrich*

Sabiam-no os árduos alunos de Pitágoras:  
As estrelas e os homens voltam ciclicamente;  
Os átomos fatais repetirão a urgente  
Afrodite de ouro e os tebanos e as ágoras.

Em idades futuras oprimirá o centauro  
O coração do lápita ao solípede casco;  
Quando Roma for pó, na infinda noite, com asco  
Generá, no palácio fétido, o minotauro.

Toda a noite em minúcias insone há de volver.  
A mão que isto redige renascerá do igual  
Ventre. Férreas armadas erguerão o abissal.  
(David Hume de Edimburgo o mesmo quis dizer.)

Não sei se voltaremos em um ciclo segundo,  
Como voltam as cifras de uma fração periódica;  
Sei, porém, que uma obscura rotação pitagórica  
Noite após noite deixa-me em um lugar do mundo.

Que pertence aos bairros. Uma esquina esquecida  
Que pode ser do norte, do sul, talvez do oeste,  
Que apresenta, porém, sempre uma taipa celeste,  
A figueira sombria e uma vereda rompida.

Aí está Buenos Aires. O tempo, presenteando  
Com ouro ou amor os homens, a mim apenas deixa  
Esta rosa apagada ou esta inútil madeixa  
De ruas que ecoam nomes mortos, evocando

Em meu sangue: Laprida, Cabrera, Soler, Suárez...  
Nomes em que retumbam (já secretas) as dianas,  
Repúblicas, cavalos garbosos, as campanas  
Das felizes vitórias, as mortes militares.

As praças demarcadas na noite sem senhor  
São os profundos pátios de um árido palácio  
E suas ruas unânimes que engendram o espaço,  
Corredores de sonho e de confuso temor.

Volta a noite côncava que decifra Anaxágoras;  
Volta-me à carne humana a eternidade constante  
E a lembrança, o projeto? de um poema incessante:  
"Sabiam-no os árduos alunos de Pitágoras..."

*1940*

## Do inferno e do céu

O Inferno de Deus não necessita  
o resplendor do fogo. Quando o Juízo  
Universal retumbar nas trombetas,  
a terra tornar públicas as vísceras,  
do pó ressuscitarem as nações  
para acatar a Boca inapelável,  
os olhos não verão os nove círculos  
da montanha invertida; nem os pálidos  
prados e seus asfódelos perenes  
onde a sombra do arqueiro então persegue,  
eternamente, a sombra ágil da corça;  
nem a loba de fogo que no ínfimo  
pavimento do inferno muçulmano  
é anterior a Adão e aos castigos;  
nem violentos metais e nem sequer  
mesmo a visível treva de John Milton.  
Não pesará odiado labirinto  
de triplo ferro e fogo doloroso  
sobre as almas atônitas dos réprobos.

Nem o fundo dos anos também guarda  
um remoto jardim. Deus não requer,  
para alegrar os méritos do justo,  
orbes de luz, concêntricas teorias  
de tronos, potestades, querubins,  
nem o espelho ilusório de uma música  
nem as profundidades de uma rosa  
nem o fulgor aziago de um somente  
de Seus tigres, tampouco o delicado  
de um ocaso amarelo no deserto,  
nem o sabor natal, antigo da água.  
Em Sua misericórdia, nem jardins

nem luz de uma esperança ou de lembrança.

No cristal de um sonho eu vislumbrei  
o Céu e o Inferno todo prometidos:  
ao retumbar o Juízo nas trombetas  
últimas e o planeta milenário  
for esquecido e bruscas já cessarem  
ó Tempo! tuas efêmeras pirâmides,  
teu colorido e linhas do passado  
definirão na treva um rosto imóvel,  
adormecido, fiel, inalterável  
(o da amada talvez, quiçá o teu)  
e a contemplação desse incorruptível  
rosto contíguo, intacto e incessante  
há de ser, para os réprobos, Inferno,  
porém para os eleitos, Paraíso.

*1942*

# Poema conjectural

*O doutor Francisco Laprida, assassinado  
no dia 22 de setembro de 1829 pelos  
guerrilheiros de Aldao,  
pensa antes de morrer:*

Zunem as balas na última tarde.  
Há vento frio e cinzas no vento,  
dispersam-se o dia e a batalha  
disforme, e é dos outros a vitória.  
Vencem os bárbaros, vencem gaúchos.  
Eu, que estudei a fundo as leis e os cânones,  
eu, Francisco Narciso de Laprida,  
cujas vozes declarou a independência  
destas cruéis províncias, derrotado,  
de sangue e de suor manchado o rosto,  
sem temor ou esperança, já perdido,  
eu fujo até o Sul, por bairros últimos.  
Tal como o capitão do Purgatório  
que, a pé fugindo e ensangüentando o chão,  
foi cegado e tombado pela morte  
onde um escuro rio perde o nome,  
assim hei de cair. Hoje é o fim.  
A noite lateral dos vagos pântanos  
me espreita e me demora. Escuto os cascos  
de minha quente morte que me busca  
com ginetes, com belfos e com lanças.

Eu que almejei ser outro, ser um homem  
de sentenças, de livros, de ditames,  
a céu aberto jazerei nos charcos;  
porém me endeusa o peito inexplicável

um júbilo secreto. Por fim me vejo  
com meu destino sul-americano.  
A esta ruínosa tarde me levava  
o labirinto múltiplo de passos  
que meus dias teceram desde um dia  
da infância. Mas por fim eu descobri  
a recôndita chave de meus anos,  
o fado de Francisco de Laprida,  
a letra que faltava, esta perfeita  
forma que soube Deus desde o princípio.  
No espelho desta noite é que me alcanço  
o insuspeitado rosto eterno. O círculo  
se fecha. Eu aguardo que assim seja.

Pisam meus pés a sombra já das lanças  
que me buscam. O escárnio desta morte,  
os ginetes, as crinas, os cavalos  
me circundam... E já o primeiro golpe,  
já o duro ferro que me racha o peito,  
a íntima facada na garganta.

*1943*

# Poema do quarto elemento

O deus a quem um homem descendente de Atreu  
Prendeu em uma praia que o bochorno lacera  
Converteu-se em dragão, em leão, numa pantera,  
Em árvore e em água. Porque a água é Proteu.

É a nuvem, a imemorável nuvem, é a glória  
Do entardecer que afunda os subúrbios abrasado;  
É o Maelström que tecem os vórtices gelados,  
E a lágrima inútil que dou a tua memória.

Foi, nas cosmogonias, a origem em segredo  
Da terra que alimenta, do fogo que devora,  
Dos deuses que governam o poente e a aurora.  
(Assim o afirmam Sêneca e Tales de Mileto.)

O mar e a movente montanha que destrói  
A embarcação de ferro são só tuas anáforas,  
E o tempo irreversível que nos foge e nos dói,  
Água, nada mais é do que uma de tuas metáforas.

Sob ventos destruidores, tu foste o labirinto  
Sem paredes, janelas, cujo caminho gris  
Tão longe desviou o idolatrado Ulisses,  
A Morte inexorável e o Acaso indistinto.

Brilhas tal como as lâminas cruéis dos alfanjes,  
De monstros, pesadelos, sonho, tu és hospedagem.  
Somam-te maravilhas as humanas linguagens  
E tua fuga se chama ora Eufrates, ora Ganges.

(Afirmam que é sagrada a água do derradeiro,  
Mas, como os mares pactos obscuros conspiraram



E o planeta é poroso, também é verdadeiro  
Afirmar que no Ganges todos já se banharam.)

De Quincey, em tumultuadas madrugadas, sonhou  
Que se empedrou teu mar de rostos e de nações;  
Aplacaste o desejo de muitas gerações,  
E a carne de meu pai e de Cristo em ti lavou-se.

Água, eu te suplico. Por este sonolento  
Enlace de numéricas letras que te digo,  
Recorda-te de Borges, teu nadador e amigo.  
Não faltes a meus lábios no último momento.

# A um poeta menor da antologia

A memória dos dias onde está  
dos que na terra foram teus, tecendo  
dor e alegria e foram para ti o universo?

O rio numerável desses anos  
já os perdeu; tu és uma palavra em um índice.

Deram a outros glória interminável os deuses,  
inscrições e exergos e monumentos e pontuais historiadores;  
de ti nós só sabemos, obscuro amigo,  
que ouviste o rouxinol, uma tarde.

Por entre os asfódelos da sombra, tua vã sombra  
pensará que os deuses foram avaros.

Porém os dias são uma rede de triviais misérias,  
e haverá melhor sorte que a cinza  
de que está feito o olvido?

Os deuses sobre outros atiraram  
a inexorável luz da glória, que observa as entranhas e enumera  
as gretas,  
da glória, que acaba por murchar a rosa que venera;  
foram contigo mais piedosos, irmão.

No êxtase de um entardecer que não será uma noite,  
ouves a voz do rouxinol de Teócrito.

# Página para recordar o Coronel Suárez, vencedor em Junín

Que importam as penúrias, o desterro,  
a humilhação de envelhecer, a sombra crescente  
do ditador sobre a pátria, a casa no Barrio del Alto  
que venderam seus irmãos enquanto guerreava, os dias inúteis  
(os dias que se espera esquecer, os dias que se sabe que se não  
de esquecer),  
sim, teve sua grande hora, a cavalo,  
no visível pampa de Junín como em um cenário para o futuro,  
como se o anfiteatro de montanhas fosse o futuro.

Que importa o tempo sucessivo se nele  
houve uma plenitude, um êxtase, uma tarde.

Serviu treze anos nas guerras da América. Por fim a sorte o levou  
ao Estado Oriental, aos campos do Río Negro.  
Nos entardeceres pensaria  
que para ele havia florescido essa rosa:  
na batalha rubra de Junín, o instante infinito  
em que as lanças se tocaram, a ordem que moveu a batalha,  
a derrota inicial, e entre os fragores  
(não menos brusca para ele que para a tropa)  
sua voz gritando aos peruanos que arremeteram,  
a luz, o ímpeto e a fatalidade do ataque,  
o furioso labirinto dos exércitos,  
a batalha das lanças na qual não retumbou um só tiro,  
o *godo* que atravessou com o ferro,  
a vitória, a felicidade, a fadiga, um princípio de sono,  
e gente que morria nos pântanos,  
e Bolívar que pronunciava palavras sem dúvida históricas  
e o sol já ocidental e o recuperado sabor da água e do vinho,

e aquele morto sem rosto porque o pisoteou e apagou a batalha...

Seu bisneto escreve estes versos e uma tácita voz desde o antigo do sangue lhe chega:

— Que importa minha batalha de Junín se é uma gloriosa memória,

uma data que se aprende para um exame ou um lugar no atlas.

A batalha é eterna e pode prescindir da pompa

de visíveis exércitos com clarins;

Junín são dois civis que em uma esquina maldizem um tirano,

ou um homem obscuro que morre no cárcere.

*1953*

## Mateus 25, 30

A primeira ponte da Constitución e a meus pés  
Fragor de trens que teciam labirintos de ferro.  
Fumo e silvos escalavam a noite,  
Que de repente foi o Juízo Universal. Desde o invisível horizonte  
E desde o centro de meu ser, uma voz infinita  
Disse estas coisas (estas coisas, não estas palavras,  
Que são minha pobre tradução temporal de uma única palavra):  
— Estrelas, pão, bibliotecas orientais e ocidentais,  
Naipes, tabuleiros de xadrez, galerias, clarabóias e porões,  
Um corpo humano para andar pela terra,  
Unhas que crescem na noite, na morte,  
Sombra que esquece, atarefados espelhos que multiplicam,  
Declives da música, a mais dócil das formas do tempo,  
Fronteiras do Brasil e do Uruguai, cavalos e manhãs,  
Um peso de bronze e um exemplar da Saga de Grettir,  
Álgebra e fogo, o ataque de Junín em teu sangue,  
Dias mais populosos que Balzac, o aroma da madressilva,  
Amor e véspera de amor e lembranças intoleráveis,  
O sonho como um tesouro enterrado, o dadivoso acaso  
E a memória, que o homem não olha sem vertigem,  
Tudo isso te foi dado, e também O antigo alimento dos heróis:  
A falsidade, a derrota, a humilhação.  
Em vão te prodigalizamos o oceano,  
Em vão o sol, que viram os maravilhados olhos de Whitman;  
Gastaste os anos e te gastaram,  
E, contudo, não escreveste o poema.

*1953*

# Uma bússula

*A Esther Zemborain de Torres*

Todas as coisas são palavras lidas  
Na língua em que Algo ou Alguém, noite e dia,  
Escreve essa infinita algaravia  
Que é a história do mundo.

Em sua corrida Passam Cartago e Roma, minha vida  
Que não entendo, eu, tu, ele, a agonia:  
Ser enigma, acaso, criptografia  
E as vozes de Babel desentendidas.

Atrás do nome há o que não se cita;  
Hoje senti sua sombra que gravita  
Na lúcida agulha azul que circula

Leve, obstinada, até o fim do mar  
Com algo de relógio num sonhar  
E algo de ave dormida que tremula.

# Uma chave em Salônica

Abravanel, Farías ou Pinedo,  
Expulsos da Espanha por cruel  
Perseguição, mantêm ainda fiel  
A chave de uma casa de Toledo.

Livres agora de esperança e medo,  
Olham a chave sob o sol oblíquo;  
No bronze, restam ontens, o longínquo,  
Cansado brilho e sofrimento quedo.

Hoje que é pó sua porta, o instrumento  
E cifra da diáspora e do vento,  
Afim com essa chave do santuário

Que alguém lançou ao céu, quando a incendiou  
O romano com fogo temerário,  
E que a divina mão no azul captou.

## Um poeta do século XIII

Retorna a olhar os árdios borradores  
Do primeiro soneto inominado,  
A página arbitrária, misturados  
Tercetos e quartetos pecadores.

Lima, com lenta pena, seus rigores  
E se detém. Talvez tenham chegado  
Do futuro e de seu horror sagrado  
Remotos rouxinóis e seus rumores.

Terá sentido que não estava só  
E que o arcano, o incrível deus Apolo,  
Lhe havia revelado aquele arquétipo,

Um ávido cristal que apreenderia  
O quanto a noite encerra ou abre o dia:  
Dédalo, labirinto, enigma, Édipo?



# Um soldado de Urbina

Suspeitando-se indigno de façanha  
Como aquela no mar, este soldado,  
A sórdidos ofícios resignado,  
Errava obscuro por sua dura Espanha.

Para apagar ou mitigar a sanha  
Do real, buscava, pois, pelo sonhado  
E lhe deram um mágico passado  
Os ciclos de Rolando e da Bretanha.

Velaria, fundido o sol, o amplo  
Campo em que dura um resplendor de cobre;  
Julgava-se acabado, só e pobre,

Sem saber de qual música era dono;  
Ao afundar no sonho de algum sono,  
Já andavam nele Dom Quixote e Sancho.

# Limites

Destas ruas que afundam o poente,  
Há uma (eu não sei qual) que percorri  
Já pela última vez, indiferente,  
E, sem o adivinhar, me submeti

A Quem prefixa onipotentes normas  
E uma secreta e rígida medida  
Às sombras, e aos sonhos e às formas  
Que destecem e tecem esta vida.

Se para tudo há fim, um nunca mais  
E o último adeus, o esquecido,  
Quem nos dirá de quem, nestes umbrais,  
Despedimo-nos desapercibidos?

Cessa a noite através do cristal gris  
E, do cimo dos livros que partida  
Sombra espalha pelo tampo impreciso,  
Uma folha que nunca será lida.

No Sul mais de um portão enferrujado  
Com seus jarrões de gesso e alvenaria  
E tunas, a meu trânsito vedado  
Como se fosse uma litografia.

Para sempre alguma porta foi cerrada  
Por ti. E em vão o espelho aguarda e espia;  
A ti parece aberta a encruzilhada  
E, quadrifronte, é Jano que a vigia.

Uma há, dentre as memórias todas tuas,  
Que se perdeu irreparavelmente;

Não te verão baixar à água vertente  
Nem o branco sol nem dourada lua.

Tua voz não voltará ao verso persa  
Em sua língua de rosas e de aves,  
Quando no ocaso, ante a luz dispersa,  
Buscares por coisas inolvidáveis.

E o incessante Ródano e o lago,  
Todo esse ontem sobre o qual me inclino?  
Tão perdido estará como Cartago  
Que a sal e fogo apagou o latino.

Julgo ouvir, ao alvor, rumorejar  
Laborioso da turba se afastando;  
São quem me quis amar e me olvidar;  
Espaço e tempo e Borges me deixando.

# Baltasar Gracián

Labirintos, antíteses, emblemas,  
Trabalhosa e fria quinquilharia  
Foi para este jesuíta a poesia,  
Reduzida por ele a estratagemas.

Na alma não houve músicas, além  
De herbário de metáforas e argúcias  
Fútil e a veneração às astúcias,  
Pelo humano e sobre-humano, o desdém.

Não o moveu Homero, a antiga voz,  
Nem a de prata e lua de Virgílio;  
Não viu o fatal Édipo no exílio,  
Nem Cristo que na cruz morre por nós.

Às límpidas estrelas orientais  
Que na alva empalidecem seu fulgor,  
Apodou-as de nome pecador  
*As galinhas dos campos celestiais.*

Tão ignorante foi do amor divino  
Como do outro que em rubras bocas arde,  
Surpreendeu-o a Pálida uma tarde  
A recitar os versos de Marino.

Seu destino ulterior não está na história;  
Liberado às mudanças de uma impura  
Tumba o pó que ontem foi sua figura,  
Ascendeu a alma de Gracián em glória.

Que sentiria ao ver-se face a face  
Com os Arquétipos e os Esplendores?

Talvez chorasse, ao dizer-se os pendores:  
Só sombra e erros eu sorvi rapace.

Que sucedeu quando o Sol implacável,  
A Verdade de Deus, fogo lançou?  
A luz de Deus, quem sabe, é que o cegou  
Na metade da glória interminável.

Sei outra conclusão. Dado a seus temas  
Minúsculos, Gracián não viu a glória  
E segue resolvendo na memória  
Labirintos, antíteses e emblemas.

## Um saxão (449 a.D.)

Já se havia afundado a curva lua;  
Rude e ruivo o homem ao alvorecer,  
A duna minuciosa a desfazer-se,  
Pisou-a com receio a planta nua.

Ao longe, atrás da pálida baía,  
Viu brancas terras, montes em negroses,  
Nesse momento elementar do dia  
Quando Deus não criou ainda as cores.

Era tenaz. Fizeram sua fortuna  
Rede, arado, remos, dardo, armadura;  
A garra que guerreava pôde dura  
Gravar com ferro porfiada runa.

De terra pantanosa procedia  
A esta que roem os pesados mares;  
Sobre ele abobadava-se qual dia  
O Destino, e também sobre seus lares,

Woden ou Thunor, quem engalanou,  
Com mão torpe, de trapos e de cravos  
E em cujo altar ao arcano ofertou  
Seus cães, cavalos, pássaros e escravos.

Para cantar as glórias ou lembranças,  
Cunhava operosos nomes e ações;  
A guerra era o encontro dos varões,  
Era também o encontro de mil lanças.

De magias, seu mundo era no mar,  
De lobos, realezas e do Fado

Que não perdoa, e do horror sagrado  
No cerne do pinhal a latejar.

Trazia essas palavras essenciais  
De uma língua que o tempo exaltaria  
A música de Shakespeare: noite, dia,  
E o fogo, água, cores e metais,

Fome, sede, amargura, sonho, guerra,  
Morte e outros humanos tantos males;  
Em árduos montes e em abertos vales,  
Seus filhos engendraram a Inglaterra.

# O golem

Se (como o grego afirma no Crátilo)  
Da coisa o nome é sua ideia pura,  
Nos sons de rosa a rosa é e perdura.  
E todo o Nilo, na palavra *Nilo*.

E, feito de consoantes e vogais,  
Nome terrível há de haver, que a essência  
Cifre de Deus e que a Onipotência  
Guarde em letras e sílabas cabais.

Adão e os astros tê-lo-ão achado  
No Jardim. A ferrugem do pecado  
O apagou (os cabalistas contaram):  
E as gerações por vir o extraviaram.

O artifício dos homens, sua candura  
Não têm fim. Sabemos, sim, que houve um dia  
Em que o povo de Deus ia em procura  
Do Nome, em vigílias da judiaria.

Não à maneira de outras que uma vaga  
Sombra insinuam sobre a vaga história,  
Verde está ainda e viva a memória  
De Judá Leão, que era rabino em Praga.

Sedento de saber o que Deus sabe,  
Deu-se Judá Leão a permutações  
De letras e a complexas variações  
E ao fim pronunciou o Nome que é a Clave,

A Porta, o Eco, o Hóspede e o Paço,  
Sobre um boneco que com as mãos lavrou



Torpemente, e os arcanos lhe ensinou  
Das Letras, e do Tempo e do Espaço.

As sonolentas pálpebras alçou  
O simulacro e viu formas e cores  
Sem entender, perdidas em rumores,  
E temerosos gestos ensaiou.

Gradualmente (como nós) viu-se ele  
Aprisionada na rede sonora  
Do Antes, Depois, Ontem, Enquanto, Agora,  
Direita, Esquerda, Eu, Tu, Outros, Aqueles.

(O cabalista que oficiou de nume  
Ao ser enorme chamou-o de Golem;  
Estas verdades as refere Scholem  
Em um douto lugar de seu volume.)

O rabi lhe explicava o universo  
*"Isto é meu pé; isto, o teu; isto, a soga".*  
Conseguiu, depois de anos, que o perverso  
Varresse bem ou mal a sinagoga.

Talvez houvesse um erro na grafia  
Ou no Sacro Nome que articulou;  
Mesmo com tão alta feitiçaria,  
Falar, o aprendiz de homem não falou.

Seus olhos, muito mais de cão que de homem  
E muito mais de coisa que de cão,  
O rabi seguem onde se consomem  
Dúbias sombras nas peças da prisão.

Algo anormal e tosco houve no Golem:  
O gato do rabi, a seu andar, Fugia.  
(Esse gato não está em Scholem

Mas, com o tempo, passei a adivinhar.)

Elevando a seu Deus mãos filiais,  
As devoções de seu Deus as copiava  
Ou, estúpido e rindo, se dobrava  
Em côncavas medidas orientais.

O rabi o olhava com ternura  
E com algum horror. *Como* (dizia-se)  
*Pude gerar este penoso filho*  
*E a inação deixei, que é a cordura?*

*Por que dei em somar à infinita*  
*Série um símbolo mais? Por que à meada*  
*Fútil, na eternidade emaranhada,*  
*Dei outra causa, efeito, outra desdita?*

Nos momentos de angústia e de luz vaga,  
Em seu Golem o olhar permanecia.  
Quem nos dirá as coisas que sentia  
Deus, ao observar seu rabino em Praga?

1958

# O tango

Onde estarão? Pergunta-se a elegia  
De quem não vive mais, como se houvesse  
Uma região em que o Ontem pudesse  
Ser o Hoje, o Ainda e o Todavia.

Onde estará (repito) o malfeitor  
Que fundou nesses becos empoeirados  
De terra ou nos perdidos povoados  
A seita do facão, do destemor?

Onde estarão aqueles que passaram,  
Deixando à epopeia um episódio,  
Uma fábula ao tempo e que, sem ódio,  
Lucro ou paixão de amor se esfaquearam?

Em sua lenda eu os busco, derradeira  
Brasa que, a modo de uma vaga rosa,  
Guarda algo dessa chusma valorosa  
Vinda dos Corrales, de Balvanera.

Em quais escuros becos, em que ermos  
Do outro mundo se instalará a dura  
Sombra de quem era uma sombra escura,  
Muraña, essa navalha de Palermo?

E esse Iberra fatal (de quem os santos  
Se apiadem) que na ponte de uma via  
Matou seu irmão Nato, que devia  
Mais mortes que ele e assim igualou tantos?

Uma mitologia de punhais  
Lentamente se anula no esquecer-se;

Uma canção de gesta foi perder-se  
Em sórdidas notícias policiais.

Há outra brasa, outra candente rosa  
Das cinzas que inteiros guardará;  
Soberbos navalhistas estão lá  
E a adaga, com seu peso, silenciosa.

Embora a adaga hostil, ess'outra adaga,  
O tempo, os perdessem em maldição,  
Hoje, ultrapassando o tempo e a aziaga  
Morte, os mortos no tango viverão.

Na música estão, e na cordagem  
Da teimosa guitarra trabalhosa,  
Que trama na milonga venturosa  
A festa e a inocência da coragem.

Gira no baldio a amarela roda  
De cavalos e leões, e ouço o ecoar  
Desses tangos de Greco e os de Arolas  
Que eu vi pelas calçadas a bailar,

Num instante que emerge hoje isolado,  
Sem antes nem depois, contra o olvido,  
E que tem o sabor do já perdido,  
Do já perdido e do recuperado.

Nos acordes, antigas coisas gemem:  
O outro pátio com a entrevista parra.  
(Por trás dessas paredes que ainda temem,  
O Sul guarda um punhal e uma guitarra.)

Essa rajada, o tango, essa diabrura,  
Os trabalhosos anos desafia;  
Feito de pó e tempo, o homem dura

Menos que a inconsequente melodia,

Que só é tempo. O tango cria um turvo  
Passado irreal, pouco se duvida,  
A lembrança incrível de dar a vida  
Brigando, numa esquina do subúrbio.

## O outro

No primeiro dos vastos e milhares  
Hexâmetros de bronze, a vista cega,  
Invoca o fogo arcano ou a musa e lega  
A ira de Aquiles em cantares.  
Sabia que outro — um Deus — é o que fere  
Com raio brusco nossa faina obscura;  
Séculos depois diria a Escritura  
Que o Espírito assopra onde quer.  
A cabal ferramenta a seu escolhido  
Dá sem piedade o deus jamais nomeado:  
A Milton a sombra de emparedado,  
O desterro a Cervantes e o olvido.  
É seu o que perdura na memória  
Do tempo secular. Nossa é a escória.

# Uma rosa e Milton

Das gerações das rosas desfolhadas  
Que o fundo do tempo as viu se perderem  
Quero uma salva dos que a esquecerem,  
Uma entre as coisas sem signo ou marcadas  
Que já foram. O fado tem-me posto  
Este dom de nomear por vez primeira  
Essa flor silenciosa, a derradeira  
Rosa que aproximou Milton ao rosto,  
Sem vê-la. Tu, branca rosa ou vermelha  
Ou amarela de um jardim fanado,  
Deixa magicamente teu passado  
Imêmore no verso qual centelha,  
Ouro, sangue ou marfim ou tenebrosa  
Como em suas mãos, ó invisível rosa.

# Leitores

Do fidalgo de seca e cítreia tez  
E de um heroico afã se conjectura  
Que, em véspera perpétua de aventura,  
Na biblioteca se encerrou de vez.  
Seus empenhos, que as crônicas pontuais  
Narram, e os tragicômicos desplantes,  
Quem as sonhou foi ele, não Cervantes:  
São crônicas de sonhos, nada mais.  
Tal, também, é minha sorte.  
Existe algo Imortal e essencial que sepultei  
Nessa biblioteca do antigo, sei,  
Em que li a história do fidalgo.  
As lentas folhas volta a criança e grave  
Sonha com vagas coisas que não sabe.



## João 1, 14

Os contos orientais já discorriam  
Sobre um rei do tempo que, submetido  
Ao tédio e ao esplendor, ia escondido  
E sozinho, e os subúrbios percorria  
E se perdia entre a turba da gente  
De calejadas mãos, nomes banais;  
Agora, como aquele Emir dos Crentes,  
Harun, Deus quer andar entre os mortais  
E nasce de uma mãe, tal como nascem  
As linhagens que em poeira se desfazem,  
E lhe será entregue este orbe inteiro,  
Ar, água, pão, manhãs, pedras e lírios,  
Porém, depois, o sangue do martírio,  
O escárnio, os cravos e o madeiro.

# O despertar

Entra a luz e ascendo torpemente  
Desde os sonhos ao sonho partilhado  
E as coisas readquirem seu esperado  
E devido lugar e no presente  
Converge assustador e vasto o vago  
Ontem: as seculares migrações  
Do pássaro e dos homens, as legiões  
Que o ferro destruiu, Roma e Cartago.  
Volta também a cotidiana história:  
Meu rosto e voz, e meu temor e sorte.  
Ah! Se aquele outro despertar, a morte,  
Deparasse-me um tempo sem memória  
Do nome meu e do que eu tenho sido!  
Ah! Se nessa manhã houvesse olvido!

# A quem já não é jovem

Já podes ver o trágico cenário  
E cada coisa no lugar devido;  
A espada, a chama e a cinza para Dido  
E a moeda para Belisário.  
Por que insistir, buscando no brumado  
Bronze desses hexâmetros a guerra,  
Se aqui estão os sete palmos de terra,  
O brusco sangue e o fosso já escavado?  
Aqui te espreita o espelho sem sondagem  
Que sonhará e esquecerá a imagem  
Dos derradeiros dias e agonias.  
Já se aproxima o último. E a mansarda  
Onde tua lenta e breve tarde passa  
E a rua que vês todos os dias.

# Alexander Selkirk

Sonho que o mar, aquele mar, me encerra  
E do sonho saúdam-me as salvas  
De Deus, que santificam as frias alvas  
Destes íntimos campos da Inglaterra.  
Cinco anos padeci olhando eternas  
Coisas de solidão e de infinito,  
Que ora são essa história que repito,  
Já como uma obsessão, pelas tavernas.  
Deus retornou-me ao mundo dos mortais,  
A espelhos, cifras, nomes e umbrais,  
E já não sou mais quem eternamente  
Olhava a estepe profunda do mar.  
Como farei para outros avisar  
Que estou aqui salvo entre minha gente?

# Odisseia, Livro Vigésimo Terceiro

Já as espadas de ferro executaram  
O devido trabalho da vingança;  
Já os dardos mais ásperos e a lança  
O sangue do perverso prodigaram.  
A despeito de um deus, dos mares seus,  
Volta ao reino e à rainha o intrépido  
Ulisses, a despeito do estrépito  
De Ares, dos ventos grises e de um deus.  
Já no amor do compartilhado leito  
Dorme a insigne rainha sobre o peito  
De seu rei, onde está o homem, porém,  
Que nos dias e noites pelo mundo  
Errava proscrito, cão vagabundo,  
Dizendo que seu nome era Ninguém?

# Ele

Os olhos de tua carne veem o lume  
Do insofrível sol, tua carne toca  
Pó espalhado ou apertada roca;  
Ele é a luz, o amarelo, é o negrume.  
É e os vê. Desde olhos incessantes  
Te observa e são os olhos a indagar  
Um reflexo e são o espelho a olhar,  
Hidras negras e os tigres flamejantes.  
Não lhe basta criar. Cada uma é Sua  
Criatura de Seu estranho mundo:  
As raízes porfiadas do profundo  
Cedro e as mutações da volúvel lua.  
Chamavam-me Caim. Por mim o  
Eterno Sabe o sabor do fogo do inferno.

# Sarmiento

Não o ofuscam o mármore e a glória.  
Nossa assídua retórica não lima  
Sua rude realidade. As aclamadas  
Datas de centenários e de fastos  
Não fazem com que este homem solitário  
Seja menos que um homem. Não antigo  
Eco que multiplica a fama côncava  
Ou, como aquele ou este, um branco símbolo  
Que podem manejar as ditaduras.  
É ele. E testemunha ele da pátria,  
Quem nos vê, nossa infâmia e nossa glória,  
A luz de Maio e o horror de Rosas  
E o outro pavor ainda e os secretos dias  
Do porvir minucioso. Ele é alguém  
Que segue odiando, amando e combatendo.  
Sei que naquelas alvas de setembro  
Que não esquecerá ninguém, nem pode  
Alguém contar, sentimos. Seu teimoso  
Amor quer nos salvar. E noite e dia  
Caminha entre os homens que lhe pagam  
(Porque não morreu) seu jornal de injúrias  
Ou de venerações. Vai abstraído  
E em sua larga visão como num mágico  
Cristal que a um só tempo encerra as três faces  
Do tempo que é depois, antes, agora,  
Sarmiento o sonhador segue sonhando-nos.

## A um poeta menor de 1899

Deixar um verso para a hora triste  
Que nos espreita no dia morrente,  
Ligar teu nome a sua data dolente  
De ouro e de vaga sombra. Isto pediste.  
Com que paixão, ao declinar do dia,  
Trabalharias tu o estranho verso  
Que, até o dispersar-se do universo,  
A hora de estranho azul confirmaria!  
Não sei se teu labor o conseguiu,  
Meu vago irmão maior, ou se exististe,  
Mas estou só e o olvido em que caíste  
Que restitua aos dias tua sutil  
Sombra para este já cansado alarde  
De umas palavras em que esteja a tarde.



# Texas

Aqui também. Aqui, tal como no outro  
Limite do continente, o infinito  
Campo em que solitário morre o grito;  
qui também o índio, o laço, o potro.  
Aqui também o pássaro secreto  
Que por sobre os fragores da história  
Canta para uma tarde e sua memória;  
Aqui também o místico alfabeto  
Dos astros, que hoje ditam a meu cálam  
Nomes que o infatigável labirinto  
Dos dias não arrasta: São Jacinto  
E essas outras Termópilas, El Álamo.  
Aqui também essa desconhecida  
E ansiosa e breve coisa que é a vida.

# Composição escrita em um exemplar da Gesta de Beowulf

Às vezes me pergunto que razões  
Me movem a estudar sem esperança  
De precisão, enquanto a noite avança,  
Esta língua dos ásperos saxões.  
Já gasta pelos anos a memória  
Deixa cair a em vão e repetida  
Palavra e assim é como minha vida  
Tece e destece sua cansada história.  
Será (me digo) que de um suficiente  
E mais secreto modo a alma sabe  
Que é imortal e que seu vasto e grave  
Círculo tudo abarca onipotente.  
Para além deste afã e deste verso  
Me espera inesgotável o universo.

# ***Hengist Cyning***

## EPITÁFIO DO REI

Sob a pedra jaz o corpo de Hengist  
Que fundou nestas ilhas o primeiro reino  
Da estirpe de Odin  
E saciou a fome das águias.

## FALA O REI

Não sei que runas terá marcado o ferro na pedra  
Mas minhas palavras são estas:  
Sob os céus eu fui Hengist, o mercenário.  
Vendi minha força e minha coragem aos reis  
Das regiões do ocaso que lindam  
Com o mar que se chama  
O Guerreiro Armado com Lança,  
Mas a força e a coragem não suportam  
Que as vendam os homens  
E assim, depois de ter esfaqueado no Norte  
Os inimigos do rei bretão,  
Tirei-lhe a luz e a vida.  
Agrada-me o reino que ganhei com a espada;  
Há rios para o remo e para a rede  
E longos verões  
E terra para o arado e para o rebanho  
E bretões para trabalhá-la  
E cidades de pedra que entregaremos  
À desolação,  
Porque as habitam os mortos.  
Eu sei que a minhas costas  
Me tacham de traidor os bretões,

Mas eu fui fiel a minha valentia  
E não confiei meu destino aos outros  
E nenhum homem se atreveu a trair-me.

# Fragmento

Uma espada,  
Uma espada de ferro forjada no frio da alva,  
Uma espada com runas  
Que ninguém poderá desdenhar nem decifrar totalmente,  
Uma espada do Báltico que será cantada na Nortúmbria,  
Uma espada que os poetas  
Igualarão ao gelo e ao fogo,  
Uma espada que um rei dará a outro rei  
E este rei a um sonho,  
Uma espada que será leal  
Até uma hora que já sabe o Destino,  
Uma espada que iluminará a batalha.

Uma espada para a mão  
Que comandará a formosa batalha, o tecido de homens,  
Uma espada para a mão  
Que avermelhará os dentes do lobo  
E o desapiedado bico do corvo,  
Uma espada para a mão  
Que prodigalizará o ouro rubro,  
Uma espada para a mão  
Que dará morte à serpente em seu leito de ouro,  
Uma espada para a mão  
Que ganhará um reino e perderá um reino,  
Uma espada para a mão  
Que derrubará a selva de lanças.  
Uma espada para a mão de Beowulf.

# A uma espada em York Minster

Em seu ferro perdura o homem forte,  
Hoje pó de planeta, que nas guerras  
De ásperos mares e arrasadas terras  
Esgrimiu, em vão no fim, contra a morte.  
Também a morte é vã. A esta paragem,  
Desde a Noruega, homem feral e lívido,  
Pelo épico destino veio urgido;  
Sua lança hoje é seu nome e sua imagem.  
Pese ao desterro e à morte prolongada,  
A mão atroz segue oprimindo a espada  
E sou sombra na sombra ante o guerreiro  
Cuja sombra está aqui. Eu sou um instante  
E o instante é cinza, nunca diamante.  
E somente o passado é verdadeiro.

## A um poeta saxão

Tu cuja carne, hoje dispersão e pó,  
Pesou como a nossa sobre a terra,  
Tu cujos olhos viram o sol, essa famosa estrela,  
Tu que viveste não no rígido ontem  
Mas sim no incessante presente,  
No último ponto e ápice vertiginoso do tempo,  
Tu que em teu mosteiro foste chamado  
Pela antiga voz da épica,  
Tu que teceste as palavras,  
Tu que cantaste a vitória de Brunanburh  
E não a atribuíste ao Senhor  
Mas sim à espada de teu rei,  
Tu que com júbilo feroz cantaste  
A humilhação do viking,  
O festim do corvo e da águia,  
Tu que na ode militar congregaste  
As rituais metáforas da estirpe,  
Tu que num tempo sem história  
Viste no agora o ontem  
E no suor e sangue de Brunanburh  
Um cristal de antigas auroras,  
Tu que tanto amavas tua Inglaterra  
E não a nomeaste,  
Hoje não és outra coisa que umas palavras  
Que os germanistas anotam.  
Hoje não és outra coisa que minha voz  
Quando revive tuas palavras de ferro.

Peço a meus deuses ou à soma do tempo  
Que meus dias mereçam o esquecimento,  
Que meu nome seja Ninguém como o de Ulisses,  
Porém que algum verso perdue

Na noite propícia à memória  
Ou nas manhãs dos homens.



## **Snorri Sturluson (1179-1241)**

Tu, que legaste uma mitologia  
De gelo e fogo à filial memória,  
Tu, que fixaste a tão violenta glória  
De tua estirpe pirática e bravia,  
Sentiste, com assombro numa tarde  
De espadas, tua humana carne a fremir  
Triste. Naquela tarde sem porvir  
Te foi dado saber que eras covarde.  
Na noite da Islândia, a amarga e salobre  
Borrasca move o mar. Está cercada  
Tua casa. Até as fezes engolida  
A inesquecível desonra. Por sobre  
Tua pálida cabeça cai a espada,  
Tantas vezes no livro teu caída.

## A Carlos XII

Viking da vasta estepe, Carlos doze  
Da Suécia, que cumpriste até o fim  
De Norte a Sul a árdua via de Odin,  
Divino antecessor, a que se impôs e  
Cujos trabalhos movem a memória  
Dos homens à epopeia, a batalha  
Mortal, o terror duro da metralha,  
A firme espada e a sangrenta glória.  
Soubeste que vencer ou ser vencido  
São faces de um Acaso indiferente,  
Que outro valor não há que ser valente  
E o mármore, ao final, será o olvido.  
Ardes glacial, mais que o deserto és só;  
Ninguém chegou a tua alma e morto és pó.

# Emanuel Swedenborg

Mais alto do que os outros, caminhava  
Aquele homem entre os homens circunspecto;  
Apenas os chamava por secretos  
Nomes os celestiais anjos. Olhava  
O que não veem os olhos terrenais:  
A ardente geometria, o cristalino  
Edifício de Deus e o torvelino  
De imundices dos gozos infernais.  
Sabia ele que a Glória e o Averno  
Em tua alma estão e suas mitologias;  
Como o grego, sabia que os dias  
Do tempo são os espelhos do Eterno.  
Em árido latim foi registrando  
Últimas coisas sem por que nem quando.

## **Jonathan Edwards (1703-1785)**

Longe da cidade, longe do foro  
Clamoroso e do tempo, que é mudança,  
Edwards, eterno já, sonha e avança  
À sombra de copados ramos de ouro.  
Hoje é ontem e amanhã. Não floresce  
Uma coisa de Deus no calmo ambiente  
Que não o exalte misteriosamente,  
O ouro do luar, ou quando entardece.  
Pensa feliz que o mundo é um eterno  
Instrumento de ira e que o ansiado  
Céu foi para pouquíssimos criado  
E quase para todos foi o inferno.  
No centro pontual do emaranhado  
Há Deus, a Aranha, o outro aprisionado.

# Emerson

Este alto cavalheiro americano  
O denso livro de Montaigne fecha  
E busca outro gozo que não se deixa  
Por menos, a tarde que exalta o plano.  
Até o fundo do poente descendo,  
Até o limite que o poente matiza,  
Como agora, nos campos ele pisa,  
Para lembrarem de quem está escrevendo.  
Medita: Eu li os livros essenciais  
E outros compus que não há de apagar  
O obscuro olvido. A um Deus coube me doar  
O que é dado saber a nós, mortais.  
Meu nome o continente anda a correr;  
Não vivi. Outro homem queria ser.

# Edgar Allan Poe

Pompa marmórea, negra anatomia  
Que ultrajam os vis vermes sepulcrais,  
Da morte triunfal os glaciais  
Símbolos congregou. Não os temia.  
Outras sombras temia, as amorosas,  
As venturas comuns de toda a gente;  
Não o cegaram o metal luzente,  
O mármore da tumba, mas a rosa.  
Assim como no espelho, do outro lado,  
Solitário entregou-se ele a seu fado  
Complexo de inventor de pesadelos.  
Do outro lado, talvez, da ignota morte,  
Siga erigindo textos, só e forte,  
Atrozes, belos e ouse escrevê-los.

## Camden, 1892

O cheiro do café e dos periódicos.  
O domingo e seu tédio. De manhã  
E na entrevista página essa vã  
Publicação de versos alegóricos  
De um colega feliz. Branco e prostrado,  
O velho permanece em sua decente  
Habitação de pobre. Ociosamente  
Olha a cara no espelho fatigado.  
Já sem assombro, então, ele medita  
Que o rosto é ele. A mão toca alheada  
A barba turva e a boca saqueada.  
Não está longe o final. Sua boca dita:  
Quase não sou, porém meus versos ritmam  
A vida e seu esplendor. Eu fui Walt Whitman.

## Paris, 1856

À longa prostração acostumado,  
Antecipou a morte. Temeria  
Expor-se ao agitado e ofenso dia  
E andar por entre os homens. Derrubado,  
Heine pensa naquele rio em breu,  
O tempo, que o afasta lentamente  
Dessa longa penumbra e do dolente  
Destino de ser homem e ser judeu.  
Pensa nas delicadas melodias  
Cujo instrumento foi, porém bem sabe  
Que o trino não é da árvore nem da ave,  
Senão do tempo e de seus vagos dias.  
Teus rouxinóis não servirão de nada,  
Nem noites de ouro e tuas flores cantadas.



# Rafael Cansinos-Asséns

A imagem daquele povo execrado,  
Lapidado, imortal em sua agonia,  
Nas escuras vigílias o atraía  
Com um quê de horror santo e sagrado.  
Bebeu como quem bebe um vinho bento  
Os Salmos e os Cantares da Escritura  
E sentiu que era sua essa doçura  
E sentiu que era seu aquele intento.  
Israel o chamava. Intimamente  
Cansinos a ouviu como o profeta  
Na esfera secretíssima a secreta  
Voz do Senhor, da flâmea sarça ardente.  
Acompanhe-me sempre sua memória;  
As outras coisas as dirá a glória.

# Os enigmas

Eu que agora sou quem está cantando  
Amanhã serei o morto, o iniciado  
Habitante de um orbe despovoado,  
Mágico, sem depois, antes ou quando.  
Assim afirma a mística. Indigno  
Me julgo, quer do Inferno, quer da Glória,  
Mas nada profetizo. Nossa história,  
Como as de Proteu, muda formas, signos.  
Que errante labirinto, que brancura  
Cega de resplendor ser-me-á a sorte,  
Ao entregar-me ao fim desta aventura  
A experiência incógnita da morte?  
Quero beber seu cristalino Olvido,  
Ser para sempre; mas jamais ter sido.

# O instante

Onde as eras, o sonho derradeiro  
De espadas com que os tártaros sonharam,  
Onde as fortes paredes que arrombaram,  
E a Árvore de Adão, e o outro Madeiro?  
O presente está só. Só a memória  
Erige o tempo. Sucessão e engano  
São a rotina do relógio. O ano  
Menos vão não é do que a vã história.  
Há um abismo entre o albor e o sol que desce  
De agonias, de luzes, de cuidados;  
O rosto, ao se mirar nos desgastados  
Cristais da noite, não se reconhece.  
O hoje fugaz é tênue e é eterno;  
Nem outro Céu esperes, nem Inferno.

# Ao vinho

Já no bronze de Homero teu nome resplandece,  
Negro vinho que o âmago dos homens aqueces.

De mão em mão tu viajas faz centenas de anos  
Desde o ríton dos gregos ao corno dos germanos.

Na aurora tu já lá estavas. Às gerações  
Lhes deste no caminho teu fogo e teus leões.

Junto àquele outro rio de noites e de dias  
O teu corre e o aclamam amigos e alegrias,

Vinho que como Eufrates patriarcal e profundo  
Vais fluindo ao longo da vasta história do mundo.

Em teu cristal que vive, nosso olhar com amor  
Viu metáfora rubra do sangue do Senhor.

Nas mais arrebatadas estrofes do sufi  
Tu és a rosa, a curva cimitarra e o rubi.

Que os outros em teu Letes bebam um triste olvido;  
Eu busco em ti as festas do fervor compartilhado.

Sésamo com o qual antigas noites eu abro  
E, nas pesadas trevas, dádiva e candelabro.

Vinho do mútuo amor ou então da rubra peleja,  
Algumas vezes eu te chamarei. Que assim seja.

# Soneto do vinho

Em que reino, em que século, sob que silenciosa  
Conjunção das estrelas, em que secreto dia  
Que não salvou o mármore, surgiu a valiosa  
E singular ideia de inventar a alegria?  
Com outonos dourados a inventaram.  
O vinho Espesso e rubro flui ao longo das gerações,  
Como o rio do tempo, e como no árduo caminho  
Nos prodiga sua música, seu fogo e seus leões.  
Pelas noites de júbilo ou na jornada adversa  
Ele exalta a alegria ou mitiga-nos o espanto,  
E o ditrambo novo que este dia lhe canto  
Outrora o decantaram o árabe e o persa.  
Vinho, mostra-me a arte de ver-me a própria história  
Como se esta já fosse só cinza na memória.

# 1964

## I

Já não é mágico o mundo. Deixaram-te.  
A clara lua não compartilharás  
Nem os lentos jardins. Lua não há  
Que não seja espelho dos que passaram,  
Cristal de solidão, sol de agonias.  
Adeus às mútuas mãos e às latejantes  
Fontes que aproximava o amor. Restantes,  
A memória fiel, desertos dias.  
Ninguém perde (tu repetes baldamente)  
Senão o que não tem, sem nunca ter,  
Mas não basta, somente, ser valente  
Para aprender a arte de esquecer.  
Um símbolo, uma rosa te desgarra  
E pode te matar uma guitarra.

## II

Já não serei feliz. Mas tanto faz.  
Há tantas outras coisas neste mundo;  
Um instante qualquer é mais profundo,  
Diverso que o mar. A vida, fugaz,  
E embora as horas passem devagar,  
Obscura maravilha nos expecta,  
A morte, esse outro mar, essa outra seta  
Que do sol nos libera e do luar  
E do amor. A alegria que me doaste  
E me tiraste, que seja apagada;  
O que era tudo se transforme em nada.  
O gozo de estar triste só me baste,  
Este costume vão que a mim inclina

Ao Sul, a certa porta, a certa esquina.

# A fome

Mãe atroz e antiga da incestuosa guerra,  
Seja apagado teu nome da face da Terra.

Tu que arrojaste ao círculo do horizonte aberto  
A alta proa do viking, as lanças do deserto.

Na alta Torre da Fome de Ugolino de Pisa  
Ergueste teu monumento e na estrofe concisa

Que nos deixa entrever (somente entrever) os dias  
Últimos e, na sombra que cai, as agonias.

Tu que de seus pinhais fazes com que surja o lobo  
E que guiaste a mão de Jean Valjean ao roubo.

Uma de tuas imagens é este silencioso  
Deus que entredevora o orbe sem ira e sem repouso,

O tempo. Há outra deusa do escuro e da ossama;  
A fome é seu pão nosso e a insônia é sua cama.

Tu que a morte de Chatterton no ático selas  
Entre os códices falsos e uma lua amarela.

Tu que entre o nascimento do homem e sua agonia  
Pedes em oração nosso pão de cada dia.

Tu cuja lenta espada corrói as gerações  
E sobre os obstinados lanças ferozes leões.

Mãe atroz e antiga da incestuosa guerra,  
Seja apagado teu nome da face da Terra.



# O forasteiro

Despachadas as cartas e o telegrama,  
caminha pelas ruas indefinidas  
e constata leves diferenças que não lhe importam  
e pensa em Aberdeen ou em Leyden,  
mais vívidas para ele que este labirinto  
de linhas retas, não de complexidade,  
aonde o leva o tempo de um homem  
cuja verdadeira vida está longe.

Num aposento numerado  
se barbeará depois diante de um espelho  
que não voltará a refleti-lo e lhe parecerá que esse rosto  
é mais inescrutável e mais firme  
que a alma que o habita  
e que ao longo dos anos o lava.

Cruzará contigo numa rua  
e talvez notes que é alto e gris  
e que observa as coisas.

Uma mulher indiferente  
lhe oferecerá a tarde e o que acontece  
do outro lado de uma porta. O homem  
pensa que esquecerá seu rosto e recordará,  
anos depois, perto do Mar do Norte,  
a persiana ou a lâmpada.

Essa noite, seus olhos contemplarão,  
num retângulo de formas que foram,  
o ginete e sua épica planície,  
porque o *Far West* abarca o planeta  
e se espelha nos sonhos dos homens  
que nunca nele pisaram.

Na numerosa penumbra, o desconhecido  
se julgará em sua cidade  
e o surpreenderá sair noutra,

de outra linguagem e de outro céu.  
Antes da agonia,  
o inferno e a glória nos foram dados;  
andam agora por esta cidade, Buenos Aires,  
que para o forasteiro de meu sonho  
(o forasteiro que eu fui sob outros astros)  
é uma série de imprecisas imagens  
feitas para o olvido.

# A quem me está lendo

Tu és invulnerável. Não te doaram  
Os numes que comandam teu destino  
A certeza do pó? Não é, acaso,  
Teu tempo irreversível o do rio  
Em cujo espelho viu o signo Heráclito  
De que ele era fugaz? Te espera o mármore  
Que não lerás. Já nele estão gravados  
As datas, a cidade e o epitáfio.  
Sonhos do tempo são também os outros,  
Não firme bronze nem depurado ouro;  
Proteu é o universo, teu igual.  
Sombra, irás à sombra que te aguarda  
Fatal quando findares tua jornada;  
Pensa que de algum modo és já cadáver.

# O alquimista

Lento no alvor um jovem desgastado  
Por longa reflexão e por avaras  
Vigílias considera ensimesmado  
Os insones braseiros e alquitaras.

Sabe que o ouro espreita, esse Proteu,  
Seja qual for o acaso, como os fados;  
Sabe-o no arco, flecha, braços armados  
No pó que nos caminhos dissolveu.

Na obscura visão de um secreto ser  
Que se oculta nos astros e no lodo,  
Lateja outro sonho de que o todo  
É água, como Tales julgou ver.

Outra visão terá; a de um eterno  
Deus que em tudo é e o olhar ubíquo pousa,  
Como explica o geométrico Spinoza  
Num livro bem mais árduo que o Averno...

No azul dos vastos lindes orientais  
Esvaem-se os planetas na alva quieta,  
O alquimista pensa nas secretas  
Leis que ligam planetas e metais.

E entretanto crê tocar já incendiado  
O ouro aquele que a Morte matará.  
Deus, mestre da alquimia, o inverterá  
Em Pó, ninguém, em nada, enfim, no olvido.

# Alguém

Um homem trabalhado pelo tempo,  
um homem que nem sequer espera a morte  
(as provas da morte são estatísticas  
e não há ninguém que não corra o risco  
de ser o primeiro imortal),  
um homem que aprendeu a agradecer  
as modestas esmolas dos dias:  
o sonho, a rotina, o sabor da água,  
uma não suspeitada etimologia,  
um verso latino ou saxão,  
a lembrança de uma mulher que o abandonou  
já faz tantos anos  
que hoje pode recordá-la sem amargura,  
um homem que não ignora que o presente  
já é o futuro e o esquecimento,  
um homem que foi desleal  
e com quem foram desleais  
pode sentir de repente, ao cruzar a rua,  
uma misteriosa felicidade  
que não vem do lado da esperança  
mas sim de uma antiga inocência,  
de sua própria raiz ou de um deus disperso.

Sabe que não deve olhá-la de perto,  
porque há razões mais terríveis que tigres  
que lhe demonstrarão seu dever  
de ser um desventurado,  
porém humildemente recebe  
essa felicidade, esse lampejo.

Talvez na morte para sempre sejamos,  
quando o pó for pó,

essa indecifrável raiz,  
da qual para sempre crescerá,  
equânime ou atroz,  
nosso solitário céu ou inferno.

## ***Everness***

Só não há uma coisa. É o esquecer.  
Deus, que salva o metal, salva a escória  
E cifra em Sua profética memória  
As luas que já foram e as que hão de ser.  
Tudo está aí: visões multiplicadas  
Que entre esses dois crepúsculos do dia  
Tua face foi deixando e as refletia  
E as que ela irá deixando-as espelhadas.  
E tudo é uma parte do diverso  
Cristal dessa memória, o universo;  
Jamais têm fim seus árduos corredores  
E a ti fecham-se as portas com descaso;  
Somente do lado oposto do ocaso  
Verás os Arquétipos e Esplendores.

# ***Ewigkeit***

Torne-me à boca o verso castelhano  
A dizer o que sempre está dizendo  
Desde o latim de Sêneca: o horrendo  
Ditame de que tudo é do gusano.  
Torne a pálida cinza a homenagear  
A morte com seus fastos e a vitória  
Da rainha retórica a pisar  
Aqueles estandartes da vanglória.  
Doutro modo. O por meu barro abençoado  
Não vou negá-lo eu como um covarde.  
Sei que uma coisa não há. O olvidado;  
Sei que na eternidade perdura e arde  
O precioso e o muito desperdiçados:  
Essa lua, essa frágua e essa tarde.



# Édipo e o enigma

Quadrúpede na aurora, alto no dia  
E com três pés errando pelo vão  
Âmbito do entardecer, assim via  
A eterna esfinge ao inconstante irmão,  
O homem, e à tarde um homem vaticina  
Decifrando aterrado, no cristal  
Da monstruosa imagem, o fatal  
Reflexo de seu destino e ruína.  
Somos Édipo e, de modo eternal,  
Somos, no vasto e tríplice animal,  
O que seremos e tenhamos sido.  
Aniquilar-nos-ia ver a ingente  
Forma de nosso ser; piedosamente  
Deus nos depara sucessão e olvido.

# Spinoza

As mãos do judeu lavram transparentes,  
No lusco-fusco, brunindo os cristais,  
E medo e frio é a tarde poente.  
(Tardes que às tardes todas são iguais.)  
As mãos e o espaço de jacinto  
Que nas portas do Gueto empalidece  
Quase não há para o homem que assim tece  
Quieto os sonhos de um claro labirinto.  
Não o turva a fama, sonhos reflexos  
No sonho de outro espelho convexo,  
Nem o amor temeroso das donzelas.  
Liberto da metáfora e do mito,  
Um cristal árduo lavra: o infinito  
Mapa d'Aquele que é todas as suas estrelas.

# Espanha

Para além dos símbolos,  
para além da pompa e da cinza dos aniversários,  
para além da aberração do gramático  
que vê na história do fidalgo  
que sonhava ser Dom Quixote e, por fim, o foi,  
não uma amizade e uma alegria  
mas sim um herbário de arcaísmos e de provérbios,  
estás, Espanha silenciosa, em nós.  
Espanha do bisão, que morreria  
sob o ferro ou o rifle,  
nas pradarias do ocaso, em Montana,  
Espanha em que Ulisses fez a descida à Casa de Hades,  
Espanha do ibero, do celta, do cartaginês, e de Roma,  
Espanha dos ásperos visigodos,  
de estirpe escandinava,  
que soletraram e esqueceram a escrita de Ulfilas,  
pastor dos povos,  
Espanha do Islã, da cabala  
e da Noite Escura da Alma,  
Espanha dos inquisidores,  
que padeceram o destino de ser verdugos  
e teriam podido ser mártires,  
Espanha da longa aventura  
que decifrou os mares e reduziu cruéis impérios  
e que prossegue aqui, em Buenos Aires,  
neste entardecer do mês de julho de 1964,  
Espanha da outra guitarra, a dilacerada,  
não a humilde, a nossa,  
Espanha dos pátios,  
Espanha da piedosa pedra de catedrais e santuários,  
Espanha do honrado bem e da caudalosa amizade,  
Espanha da inútil coragem,

podemos professar outros amores,  
podemos esquecer-te  
como esquecemos nosso próprio passado,  
porque inseparavelmente estás em nós,  
nos íntimos hábitos do sangue,  
nos Acevedo e nos Suárez de minha linhagem,  
Espanha,  
mãe de rios e de espadas e de multiplicadas gerações,  
incessante e fatal.

# Elegia

Oh! destino o de Borges,  
ter navegado pelos diversos mares do mundo  
ou pelo único e solitário mar de nomes diversos,  
ter sido uma parte de Edimburgo, de Zurique, das duas  
Córdobas,  
da Colômbia e do Texas,  
ter regressado, depois de mudadas gerações,  
às antigas terras de sua estirpe,  
à Andaluzia, a Portugal e àqueles condados  
onde o saxão guerreou com o danês e misturaram seus sangues,  
ter errado pelo rubro e tranquilo labirinto de Londres,  
ter envelhecido em tantos espelhos,  
ter buscado em vão o olhar de mármore das estátuas,  
ter examinado litografias, enciclopédias, atlas,  
ter visto as coisas que veem os homens, a morte, o torpe  
amanhecer, a planície  
e as delicadas estrelas,  
e não ter visto nada ou quase nada  
a não ser o rosto de uma jovem de Buenos Aires,  
um rosto que não quer que o recorde.  
Oh! destino de Borges, talvez não mais estranho que o teu.

*Bogotá, 1963.*

## ***Adam Cast Forth***

Houve um Jardim, ou foi só uma visão?  
Lento, na vaga luz, tenho indagado,  
Quase como um consolo, se o passado,  
De que era dono o agora excluído Adão,  
Não passou de uma mágica impostura  
Do Deus que visionei. Já é impreciso  
Na memória o radiante Paraíso,  
Porém sei que ele existe e que perdura,  
Embora não para mim. A áspera terra  
É meu castigo e a incestuosa guerra  
De Cains e de Abeis e de sua cria.  
E, no entanto, é muito ter amado,  
Ter sido então feliz e ter tocado  
O vivente Jardim, por um só dia.

# A uma moeda

Fria e tormentosa a noite em que zarpei de Montevideú.  
Ao dobrar o Cerro,  
atirei do convés mais alto  
uma moeda que brilhou e afundou nas águas barrentas,  
uma coisa de luz que arrebataram o tempo e a treva.  
Tive a sensação de ter cometido um ato irrevogável,  
de acrescentar à história do planeta  
duas séries incessantes, paralelas, talvez infinitas:  
meu destino, feito de soçobra, de amor e de vãs vicissitudes,  
e o daquele disco de metal  
que as águas dariam ao brando abismo  
ou aos remotos mares que ainda roem  
despojos do saxão e do viking.  
A cada instante de meu sono ou de minha vigília  
corresponde outro da cega moeda.  
Às vezes senti remorso  
e outras, inveja  
de ti que estás, como nós, no tempo e em seu labirinto  
e que não o sabes.

## Outro poema dos dons

Quero dar graças ao divino  
Labirinto dos efeitos e das causas  
Pela diversidade das criaturas  
Que formam este singular universo,  
Pela razão, que não cessará de sonhar  
Com um plano do labirinto,  
Pelo rosto de Helena e pela perseverança de Ulisses,  
Pelo amor, que nos deixa ver os outros  
Como os vê a divindade,  
Pelo firme diamante e pela água solta,  
Pela álgebra, palácio de precisos cristais,  
Pelas místicas moedas de Ângelo Silésio,  
Por Schopenhauer,  
Que talvez tenha decifrado o universo,  
Pelo fulgor do fogo  
Que nenhum ser humano pode olhar sem um assombro antigo,  
Pela caoba, pelo cedro e pelo sândalo,  
Pelo pão e pelo sal,  
Pelo mistério da rosa  
Que prodigaliza cor e que não a vê,  
Por certas vésperas e dias de 1955,  
Pelos duros tropeiros que na planície  
Arreiam os animais e a alva,  
Pela manhã em Montevideú,  
Pela arte da amizade,  
Pelo último dia de Sócrates,  
Pelas palavras que em um crepúsculo se disseram  
De uma cruz a outra cruz,  
Por aquele sonho do Islã que abarcou  
Mil noites e uma noite,  
Por aquele outro sonho do inferno  
Da torre de fogo que purifica



E das esferas gloriosas,  
Por Swedenborg,  
Que conversava com os anjos nas ruas de Londres,  
Pelos rios secretos e imemoriais  
Que convergem em mim,  
Pelo idioma que, faz séculos, falei em Nortúmbria,  
Pela espada e pela harpa dos saxões,  
Pelo mar, que é um deserto resplandecente  
E uma cifra de coisas que não sabemos  
E um epitáfio dos vikings,  
Pela música verbal da Inglaterra,  
Pela música verbal da Alemanha,  
Pelo ouro, que relumbra nos versos,  
Pelo épico inverno,  
Pelo nome de um livro que não li:  
*Gesta Dei per Francos*,  
Por Verlaine, inocente como os pássaros,  
Pelo prisma de cristal e pelo peso de bronze,  
Pelas raias do tigre,  
Pelas altas torres de São Francisco e da ilha de Manhattan,  
Pela manhã no Texas,  
Por aquele sevilhano que redigiu a Epístola Moral  
E cujo nome, como ele teria preferido, ignoramos,  
Por Sêneca e Lucano, de Córdoba,  
Que antes do espanhol escreveram  
Toda a literatura espanhola,  
Pelo geométrico e bizarro xadrez,  
Pela tartaruga de Zenão e pelo mapa de Royce,  
Pelo aroma medicinal dos eucaliptos,  
Pela linguagem, que pode simular a sabedoria,  
Pelo esquecimento, que anula ou modifica o passado,  
Pelo costume,  
Que nos repete e nos confirma como um espelho,  
Pela manhã, que nos depara a ilusão de um princípio,  
Pela noite, sua treva e sua astronomia,  
Pelo valor e pela felicidade dos outros,

Pela pátria, sentida nos jasmins  
Ou numa velha espada,  
Por Whitman e Francisco de Assis, que já escreveram o poema,  
Pelo fato de que o poema é inesgotável  
E se confunde com a soma das criaturas  
E não chegará jamais ao último verso  
E varia segundo os homens,  
Por Frances Haslam, que pediu perdão a seus filhos  
Por morrer tão devagar,  
Pelos minutos que precedem o sono,  
Pelo sono e pela morte,  
Esses dois tesouros ocultos,  
Pelos íntimos dons que não enumero,  
Pela música, misteriosa forma do tempo.

## Ode escrita em 1966

Ninguém é a pátria. Nem sequer o ginete  
Que, alto na alva de uma praça deserta,  
Conduz um corcel de bronze pelo tempo,  
Nem os outros que olham desde o mármore,  
Nem os que prodigaram sua bélica cinza  
Pelos campos da América  
Ou deixaram um verso ou uma façanha  
Ou a memória de uma vida cabal  
No justo exercício dos dias.

Ninguém é a pátria. Nem sequer os símbolos.  
Ninguém é a pátria. Nem sequer o tempo  
Carregado de batalhas, de espadas e de êxodos  
E da lenta povoação de regiões  
Que lindam com a aurora e o ocaso,  
E de rostos que vão envelhecendo  
Nos espelhos que se empanam  
E de sofridas agonias anônimas  
Que duram até a alva  
E da teia de aranha da chuva  
Sobre negros jardins.

A pátria, amigos, é um ato perpétuo  
Como o perpétuo mundo. (Se o Eterno  
Espectador deixasse de sonhar-nos  
Um só instante, nos fulminaria,  
Branco e brusco relâmpago, Seu olvido.)  
Ninguém é a pátria, mas todos devemos  
Ser dignos do antigo juramento  
Que prestaram aqueles cavaleiros  
De ser o que ignoravam, argentinos,  
De ser o que seriam pelo fato

De ter jurado nesta velha casa.  
Somos o futuro desses varões,  
A justificativa daqueles mortos;  
Nosso dever é a gloriosa carga  
Que a nossa sombra legam essas sombras  
Que devemos salvar.  
Ninguém é a pátria, porém todos o somos.  
Arda em meu peito e no vosso, incessante,  
Esse límpido fogo misterioso.

## O sono

Se o sono fosse (como dizem) uma  
Trégua, um repousar puro da mente,  
Por que, se te despertam bruscamente,  
Sentes que te roubaram uma fortuna?  
Por que é tão triste madrugar? A hora  
Nos despoja de um dom inconcebível,  
Tão íntimo que só é traduzível  
Num sopor que a vigília em ouro doura  
De sonhos, que bem podem ser truncados  
Reflexos dos tesouros de umbra instável,  
De um orbe intemporal inominável  
Que o dia nos espelha deformado.  
Quem serás, esta noite, do outro lado  
Da parede do sonho indecifrado?

# Junín

Sou, mas sou também o outro, o que morreu,  
O outro de meu nome e sangue herdeiro;  
Sou um vago senhor, sou o escudeiro  
Que as lanças do deserto as abateu.  
Volto a Junín, que não me viu jamais,  
Avô Borges, a teu Junín. Percebes-me,  
Cinza final ou sombra, ou não recebes  
No sonho de bronze os truncados ais?  
Acaso buscas em minha vã mirada  
O épico Junín de teus soldados,  
A árvore que plantaste, os teus cercados  
E no limite a tribo saqueada.  
Percebo-te triste, face severa.  
Quem me dirá quem foste e como eras.

*Junín, 1966.*

## Um soldado de lee (1862)

Uma bala alcançou-o na ribeira  
De um claro rio de nome esquecido.  
Cai emborcado. (A história é verdadeira  
E mais de um homem nele tem vivido.)  
O ar de ouro move ociosas as ramadas  
Do copado pinheiro. Uma paciente  
Formiga escala o rosto indiferente.  
Sobe o sol. Muitas coisas já mudadas  
E sem fim no futuro mudarão  
Até um certo dia em que te canto  
A ti que, sem a dádiva do pranto,  
Caíste como um homem morto ao chão.  
Não há mármore a guardar tua memória;  
Sete palmos de terra, tua obscura glória.

# O mar

Antes que o sonho (ou o terror) que gera  
Mitologias e cosmogonias,  
Antes que o tempo se cunhasse em dias,  
O mar, o sempre mar, já estava e era.  
Quem é o mar? Quem, aquele violento  
E antigo ser a roer os pilares  
Da terra e é um e tantos outros mares  
E abismo e resplendor e acaso e vento?  
Quem o observa o vê por vez primeira,  
Sempre. E as coisas com o maravilhoso  
Que elementares deixam, o formoso  
Ocaso, a lua, o fogo da fogueira.  
Quem é o mar, quem sou? Hei de saber  
O dia que à agonia suceder.



# Manhã de 1649

Carlos avança entre seu povo. Mira  
À direita e à esquerda. Recusou  
Os braços da escolta. Já libertou-se  
Dessa necessidade da mentira,  
Vai hoje à morte, sabe, e não ao olvido,  
E que é um rei. Espera-o já o algoz;  
A manhã está ali, real e atroz.  
Sua carne não teme. Sempre tem sido,  
Como bom jogador, indiferente.  
Na vida até as fezes amargado,  
Agora está só entre a armada gente.  
Não o infama o patíbulo. Os jurados  
Não são o Jurado. Mui levemente  
Saúda e sorri. Está acostumado.

## A um poeta saxão

As neves da Nortúmbria conheceram  
E o rastro de teus passos apagaram  
E entardeceres se multiplicaram  
Que entre nós, irmão cinza, feneceram.  
Lento, na lenta sombra, lavrarias  
Pelos mares metáforas de espadas.  
E do horror cujo pinhal é morada  
E da solidão que trazem os dias.  
Onde buscar teu nome, onde teus traços?  
Essas são coisas que o antigo olvido Guarda.  
Eu ignoro como terá sido  
Quando tu foste um homem neste espaço.  
Desterrado, os caminhos tu seguiste;  
Só teu cantar de ferro em ti persiste.

## Buenos Aires

Antes, eu te buscava em teus confins  
Que lindam com a planície e com o pôr  
Do sol e no gradil com seu frescor  
Tão antigo de cedros e jasmins.  
Na memória de Palermo tu estavas,  
Em sua mitologia de um passado  
De baralho e punhal e no dourado  
Bronze das desnecessárias aldravas,  
Com seu anel e mão. Eu te sentia  
Nesses pátios do Sul e na crescente  
Sombra que desdesenha lentamente  
Sua longa reta, ao declinar o dia.  
Agora estás em mim. És minha vaga  
Sorte, coisas essas que a morte apaga.

# Buenos Aires

E a cidade, agora, é como um traçado  
Dos fracassos e ofensas que vivi;  
Os ocasos desde essa porta eu vi  
Ante esse mármore, em vão, aguardados.  
O incerto ontem aqui, e o hoje distinto  
Aqui os banais casos me deparam  
De toda sorte humana; aqui armaram  
Meus passos o incontável labirinto.  
Aqui o entardecer cinzento espera  
O fruto que lhe devem as manhãs;  
Minha sombra aqui pela não menos vã  
Sombra final ligeira irá, quimera.  
Não nos une o amor, senão o espanto;  
Será por isso que eu a quero tanto.

## Ao filho

Não sou eu, são os mortos quem te gera.  
São meu pai, o seu pai, os de outras eras  
Traçando um longo dédalo de amores  
Desde Adão nos desérticos albores  
De Caim e de Abel, em sua aurora  
Antiga que já é mitologia;  
Sangue e medula chegam a este dia  
Que está por vir, em que te gero agora.  
Sinto sua multidão. Nós, somos nós  
E, entre nós, estás tu e teus futuros  
Filhos que hás de gerar. Os nascituros  
E os do rubro Adão. Sou esses após  
Também. O eterno em coisas já fixadas  
Do tempo, que são formas apressadas.

# Os compadritos mortos

Prosseguem escorando a curva estreita  
Do Paseo de Julio, sombras vãs  
Lutando sempre com sombras irmãs  
Ou com a fome, essa outra loba à espreita.  
Quando o último sol é cor de laca  
Na fronteira dos bairros, dos umbrais,  
Voltam a seu crepúsculo, fatais  
E mortos, a sua puta e sua faca.  
Perduram em apócrifas histórias,  
Numa forma de andar, no só vibrar  
De uma corda, num rosto, no assobiar,  
Em pobres coisas, em obscuras glórias.  
No íntimo do pátio, sob as parras,  
Quando os dedos temperam a guitarra.

FIM

